

Cortadoras de Grama e Crianças

Parece-me que nada é mais complexo do que cortadoras de grama e crianças. Jamais existiu algo mais difícil de se compreender e de funcionar. Jamais existiu algo mais exasperador ou provador da paciência.

Houve um tempo em que eu conseguia consertar praticamente qualquer coisa em um carro. Já reverti tambores de freios, instalei embreagens, esmerilhei válvulas e recondicionei carburadores. Isto é, até anos recentes, quando os fabricantes de carros começaram usar injeção direta e computadores. Agora tenho que levar meu carro à oficina quando precisa de conserto.

Como o antigo Modelo-T, a cortadora de grama tem um motor bastante simples. Basta puxar o cordão e o motor funciona. Se não funcionar, é porque tem demasiado ou insuficiente combustível no afogador. Se o afogador está bem e assim mesmo não funciona, é porque falta faísca ou gasolina. É tudo muito simples. Então por que tenho eu por horas, dia após dia, ano após ano, quase arrancado meus braços das articulações tentando fazer a cortadora de grama funcionar?

Tenho um amigo professor que tem doutorado, e a esposa trabalha fora de

Como educadores, temos uma responsabilidade monumental ao lidarmos com pequenas mentes, corações e sentimentos.

casa. Eles não têm filhos. Assim que em termos comparativos, como obreiros adventistas eles são ricos. Ele comprou uma nova cortadora de grama. A cortadora tem um motor de oito cavalos de potência e um assento para que se possa sentar enquanto corta-se a grama. A cortadora tem faróis para uso noturno. Tem também um depósito para acumular a grama cortada, assim que meu amigo não tem que rastelar a grama depois de cortada. E liga-se a cortadora com chave!

Meu amigo trouxe a cortadora para casa e encheu-a de gasolina. Depois de cortar a metade do gramado, a cortadora simplesmente parou. Meu amigo

verificou a gasolina e a vela, mas assim mesmo não conseguiu fazê-la funcionar. Chamou a companhia. Eles perguntaram se a lâmina e a cortadora estavam engatadas em marcha, se acabara a gasolina e se o interruptor estava na posição desligada. Meu amigo disse: “Já tentei tudo isso, e a cortadora não funciona.”

Eles disseram: “Mas a cortadora é novinha.”

E ele respondeu: “Eu sei. Por isso estou chamando vocês.”

Eles então disseram: “Nós não podemos ir aí buscá-la porque estamos trabalhando em cortadoras, que também não funcionam, de outras pessoas.”

Meu amigo disse: “Eu tenho doutorado, minha esposa trabalha e não temos filhos, assim que tenho recursos para possuir uma caminhonete. Trarei a cortadora a vocês.”

Três dias mais tarde ele voltou à companhia. Foi mostrado a ele o que tinham encontrado no tanque de gasolina — um pouco de água no combustível, ferrugem e outras impurezas. Ele disse: “Mas é tão pouca coisa.”

Ao que eles responderam: “O seu motor e tanque de gasolina são tão pequenos que não é preciso muitas impurezas para arruiná-lo.”

Essa longa história ilustra uma curta

Don L. Weatherall

lição: “Umhas poucas impurezas podem arruinar um pequeno motor.”

Como professores adventistas, nós não trabalhamos com pequenos motores. Não martelamos pregos em madeira ou consertamos canos que estão vazando. Nós trabalhamos com pequenas mentes e jovens, portanto devemos ter cuidado com aquilo que colocamos nelas. Como se costuma dizer na programação de computadores: “se entra lixo, sai lixo”. Não é necessário muito lixo (impurezas) para arruinar uma pequena mente. Como educadores, temos uma responsabilidade monumental ao lidarmos com pequenas mentes, corações e sentimentos.

William Bennett, ex-ministro de educação dos Estados Unidos, disse certa vez que a maior preocupação acerca da educação hoje em dia é a nossa falha no ensino de valores morais às nossas crianças e estudantes. Ele tem razão de preocupar-se. A orientação moral dos alunos é uma responsabilidade importante do nosso sistema educacional. É mais importante do que certificação de professores, tecnologia avançada ou resultados elevados nos exames — embora todas essas sejam preocupações dignas. Porém, as perguntas mais importantes que devemos fazer a nós mesmos são: Estamos dizendo aos nossos alunos que Jesus os ama? Somos nós um exemplo vivo desse amor? Aquilo que fazemos tem efeito muito maior do que o que falamos.

Nós professores trabalhamos demasiado. Chegamos ao trabalho cansados. Ficamos impacientes e levantamos nossa voz. Às vezes permitimos que as ações de um ou dois alunos influenciem todo o nosso programa de ensino. Reprendemos a classe toda por causa das ações de um ou dois. Isso faz com que os bons alunos sintam-se culpados, mas raramente afeta a criança que causou o problema. Na realidade, tais alunos freqüentemente ficam caledados; eles conseguiram safar-se com seu mau comportamento e continuam comportando-se mal vez após vez.

Nós nos apegamos tanto às nossas atividades e preocupações do dia-a-dia que esquecemos da razão por que estamos aqui e do nosso alvo máximo. Enquanto concentramos no nosso horário e no programa, esquecemos que crianças têm problemas que muitas vezes parecem-lhes insuportáveis. Esquecemos que elas necessitam de

amor e aprovação. Se algum dia existiu um lugar em que se deve dar afirmação, esse lugar é a sala de aula adventista.

Cindy

Algum tempo atrás, assisti uma comissão de currículo numa escola de 2º grau. Estávamos discutindo planos curriculares e livros didáticos quando o diretor fez uma pausa para contar-nos uma história. Cindy, uma de suas alunas da 2ª série, havia recebido diversas notas baixas. A moça tinha sido boa aluna no ano anterior, mas agora não entregava suas tarefas. Sua mente não estava na escola nem nas tarefas.

O diretor chamou-a à sua sala. Ao conversarem, Cindy abriu seu coração. Sua mãe havia abandonado a família durante o verão anterior, deixando o

marido com três crianças — Cindy e dois irmãos que estavam na escola de 1º grau. Quando a mãe abandonou a família, disse à filha: “Não quero vê-la nunca mais.”

O pai saía cada manhã às 6:00 horas para seu trabalho um tanto distante de casa. Cindy acordava as duas crianças mais novas, dava-lhes o desjejum, mandava-os para a escola e então seguia para sua própria escola. Ela trabalhava três ou quatro horas por dia após as aulas. Depois ia para casa, limpava a casa, lavava e passava a roupa e fazia o jantar para a família.

Cindy era uma aluna de tempo integral, empregada, mãe e dona de casa. E além disso tudo, uma “tia compreensiva” tinha vindo à casa e reclamado acerca do alimento que as

crianças estavam comendo e criticado a maneira em que Cindy se vestia, dizendo-lhe que devia usar vestido e não calça comprida para ir à escola.

Na sala do diretor, Cindy chorou abertamente. Ela não queria ser mãe e dona de casa. Ela queria ser adolescente e estudante.

Isso vinha acontecendo por meses, mas nenhum dos professores sabia o que estava acontecendo com Cindy. Sim, eles sabiam que a mãe tinha abandonado a família (que coisa horrível, não?), mas isso foi no verão passado — estávamos em outubro agora, e todos tinham esquecido.

Gabamo-nos de ser uma igreja que se compadece dos outros. O símbolo da igreja que se compadece é o professor da escola daquela igreja, no entanto ninguém sabia ou tinha tomado tempo para descobrir quão desesperadora era a situação de Cindy.

Jim

Todos os professores conheciam Jim. Ele era inteligente mas preguiçoso. Fazia-se de palhaço e incomodava os outros alunos. Embora ele nunca estudasse, sempre conseguia passar. Ele raramente aparecia para o trabalho. Quando aparecia, não trabalhava e geralmente fazia com que aqueles com quem ele “trabalhava” acabassem não trabalhando tampouco. Ele já tinha sido despedido de diversos trabalhos no campus escolar.

Nos dois primeiros anos ele passou, mas na 3ª série foi diferente. Sua brincadeira tornou-se em vileza. Ele cometeu diversas ofensas graves, e no final do ano sua readmissão foi negada. Na semana antes do início das aulas, ele e seus pais imploraram para que fosse permitido seu retorno. Foi-lhe permitido voltar sob estritas condições.

A atitude do pessoal era: “Ele não presta e nunca será de qualquer valor para si mesmo, seus pais, a escola, a igreja ou para Deus. Se pudéssemos mandá-lo embora, a escola estaria bem melhor. Os outros alunos manteriam a linha porque veriam que levamos as coisas a sério. Na realidade, os alunos não nos respeitam porque o aceitamos de volta.”

Jim não havia mudado. Ele simplesmente estava mais esperto e mais cauteloso. Todos tinham certeza de que ele estava fazendo algo mau e se ele fosse pego, o problema estaria solucionado.

As perguntas mais importantes que devemos fazer a nós mesmos são: Estamos dizendo aos nossos alunos que Jesus os ama? Somos nós um exemplo vivo desse amor?

Foi então que certa noite a coisa aconteceu. Agora ele estava em nosso poder. Ele havia saído do dormitório durante a noite com moças não adventistas, ido à cidade no carro delas, persuadido as moças a deixarem ele dirigir o carro de volta e então capotado e destruído o carro. Ele estava em problemas com a polícia, com os pais das moças e com os seus próprios pais — e nós tínhamos o que queríamos. Era apenas questão de ter a reunião aquela noite e tornar a nossa posição oficial.

Durante a tarde, chamei Jim para a minha sala e conversamos. Citei a longa lista de coisas que ele havia feito durante os anos. Conte-lhe sobre a reunião que íamos ter aquela noite e qual seria o resultado provável. Ao conversarmos, de repente notei que Jim não era mais o mesmo de antes. Ele havia mudado; ele havia amadurecido. Quanto mais eu ouvia, tanto mais me convencia de que agora tínhamos algo com que trabalhar, e seria um erro mandá-lo embora. Mas eu era o único que sabia disso.

Fui à reunião e disse que precisava explicar algo. Um membro do corpo docente disse: “Está bem, mas primeiro as primeiras coisas. Eu proponho que expulsemos Jim e chamemos seus pais para tirá-lo do campus hoje à noite mesmo.” A proposta foi seguida por um coro de apoios. Com isso, o corpo docente celebrou. Era como se fosse o Dia da Jubilação, o Ano do Júbilo.

Então contei-lhes acerca da minha conversa com Jim aquela tarde. A discussão durou horas. Eu conversava; eles discordavam. A decisão dependia de verificar se eu havia escrito uma carta no verão anterior detalhando sua situação condicional. Se eu havia escrito, ele estava expulso. Se eu não havia escrito, então ele podia ficar, mas eu estaria em problemas. Disse-lhes que

procuraria a carta e tomaríamos uma posição no dia seguinte.

Fui à minha sala e encontrei a carta. Ela era bem clara; ele estava sob estritas condições — se ele fizesse qualquer coisa a mais, seria expulso. Fui para casa e orei, e então virei de um lado para outro a noite inteira.

Marquei a reunião do corpo docente para a noite seguinte. Na reunião, eu li a carta e expliquei-lhes que tinham todo o direito de tomar o voto que tinham tomado, mas que como diretor da instituição eu estava anulando o voto.

É função do diretor dizer ao seu pessoal onde marcar a linha, o que ensinar e em que ordem, e dizer-lhes quando estão ou não em serviço. O diretor tem quase que controle completo da vida deles e de sua pessoa. Mas há uma coisa que o diretor não controla no campus da instituição. O corpo docente decide que alunos serão aceitos e quais serão expulsos. Eu acabara de anular aquela prerrogativa. Terminei a reunião antes que eles caíssem em si sobre o que tinha ocorrido. Fui para minha sala, chamei o presidente da associação e contei-lhe o que havia acontecido.

O resultado foi fora de sério. Tivemos o melhor segundo semestre dos meus 17 anos de ensino. Jim veio à minha sala alguns dias mais tarde e perguntou se podíamos ter uma semana de oração para os alunos. Eu não queria desanimá-lo, mas tampouco queria que ele dissesse para o corpo docente e alunos como deviam viver considerando a maneira como ele havia vivido. Eu queria que seu perfil fosse o mais baixo de todos os que estavam no campus! Mas sugeri que ele planejasse algo, desse os detalhes a mim e então iríamos considerar — pensando que talvez isso seria o final da história. Dois dias mais tarde ele estava de volta. Apresentou-me uma escala de oradores que ele havia contactado, seus tópicos, os líderes de cântico, música especial, líderes de grupos de oração — tudo estava planejado desde o domingo de manhã até o culto de sábado.

Tivemos a melhor semana de oração que eu já assisti. Jim começou grupos de oração nos dormitórios. Convenceu os alunos de participação em massa nas atividades de sábado à tarde. Ele sozinho conseguiu revolucionar aquele campus para o bem. Terminamos o ano letivo num nível tremendamente elevado.

Na formatura, ele estava diante de

mim. Tanto ele como eu tínhamos lágrimas nos olhos. Seus colegas de classe o aplaudiram de pé. Ele me levantou e abraçou apertadamente.

Vi-o um ano mais tarde na Universidade La Sierra. Contou-me então sobre seu grupo de oração e mostrou-me um folheto que estava imprimindo sobre programas de expansão missionária na universidade. Ele era um cristão feliz. Anos mais tarde, vi-o durante um fim-de-semana de ex-alunos. Era um homem de negócios bem-sucedido, tinha uma família e era um membro fiel da sua igreja local.

Eu sei que muitos professores que lerem este artigo vão questionar o meu anulamento da decisão do corpo docente. Admito que tal coisa deve ser feita com raridade. A única vez que o fiz, fui bem-sucedido. Depois que as aulas terminaram naquele ano, diversos membros do corpo docente me disseram que embora não tivessem aprovado o que fiz naquela época, o resultado tinha mais do que justificado a ação.

Gostaria de dizer que nunca contei para Jim que o corpo docente havia votado sua expulsão. Disse-lhe que ele merecia ser expulso mas que eu havia convencido o corpo docente de que ele havia mudado e merecia outra oportunidade, e que eu dependia dele para não me decepcionar.

Karen

Fui convidado a fazer algumas apresentações numa convenção de professores fora do meu território. Depois da primeira reunião, uma das professoras perguntou-me se a reconhecia. O rosto era conhecido, mas eu não conseguia lembrar seu nome. Quando falou seu nome, imediatamente lembrei que ela tinha se formado no final do meu primeiro ano como diretor. (Ah, se eu pudesse me esquecer daquele primeiro ano!)

Durante a formatura, eu havia pedido que cada aluno ficasse em pé diante do auditório enquanto eu falava algumas coisas a seu respeito, tais como cargos que tinham exercido e alguns atributos pessoais. De repente Karen me perguntou se eu me lembrava do que havia falado a respeito dela na formatura. Isso tinha ocorrido 18 anos antes, e sendo que eu tinha seguido esta prática por 10 anos, vocês podem imaginar o distúrbio na minha mente naquele momento.

Nós nos apegamos tanto às nossas atividades e preocupações do dia-a-dia que esquecemos da razão por que estamos aqui e do nosso alvo máximo.

Antes que eu pudesse responder, Karen lembrou-me de que eu havia dito que ela exibia o mais bonito sorriso em todo o campus escolar, o que ela sempre conservava e partilhava com todos com quem mantinha contato. Disse-me que cada manhã ao dirigir para sua escola ela lembrava daquilo que eu havia dito. Antes de sair do carro, sempre orava para que conservasse seu sorriso o dia inteiro e que seus alunos nunca a vissem sem um sorriso.

Tenho pensado sobre Karen muitas vezes desde aquele encontro . . . como uma pequena afirmação influenciou a sua vida diária desde então e quantas vidas ela tem tocado como resultado disso. Tenho pensado com pesar nas vezes em que não fui sensível a algum aluno, quando desaponiei os alunos,

quando provoqueei seu desinteresse por aquilo que eu estava ensinando ou por minha influência como amigo e conselheiro ou pela igreja. Alguns desses incidentes me perturbam. Tenho procurado meus ex-alunos e tentado corrigir a situação.

Como professores adventistas nós temos uma responsabilidade tremenda. As palavras que usamos, nosso tom de voz e o ensino indireto que ocorre têm muito maior implicância do que o tópico que abordamos. Como professores adventistas não dirigimos cortadoras de grama para nosso ganhapão. Não martelamos pregos ou consertamos canos que estão vazando. Nós lidamos com mentes: mentes jovens, imaculadas, não poluídas que estão abertas ao amor que Jesus tem por elas conforme ilustramos por meio do nosso trato com elas. Algumas podem estar calejadas pelos nossos esforços. Porém, a grande maioria responderá ao amor de Cristo quando este for demonstrado na vida de um professor dedicado que demonstra compaixão. ٢٥

Dr. Don L. Weatherall é diretor-assistente para a educação secundária no Departamento de Educação da Divisão Norte-Americana e escreve de Lilburn, Geórgia, E.U.A. Este artigo é baseado num devocional que ele apresentou durante a convenção de professores da Associação das Carolinas em agosto de 1994.